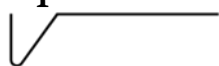


para o desconjuro de maus revoltosos, para conspirar a boa revolta preâmbulo de um teoria da juntidade



Adelaide Maria de Estorvo Alencar da Silva¹
Bru Pereira²

Resumo

o presente experimento de escrita em companhia é igualmente um experimento com a revolta. quais os sentidos sobre revolta possíveis? ou, posto de outro modo, desde a revolta e contra alguns revoltosos, como podemos repensar nossas práticas de avizinhamento, de juntidade? apresentamos, como artifício investigativo, um conjunto de cenas e um exercício de ficcionalização arquetípica no desejo de tentar encontrar modos de imaginar o que nos falta ao estabelecimento de comunidade, nos quais sua viabilidade não se veja comprometida pela presença desvinculante daquilo que chamaremos "má revolta" – e nos quais "comunidade" não assuma contornos acachapantes ou de triunfante sentimentalismo.

Palavras-chaves: revolta; comunidade; precariedade; sonho; imaginação política.

Abstract

this experiment in companion writing is also an experiment in revolt. what are the possible senses of revolt? or, otherwise said, from the revolt and against some revolted ones, how might we rethink our practices of neighboring, of togetherness? we put forward, as an investigative artifice, a collection of scenes and an exercise in archetypical fictionalization in the pursuit of trying to find modes of imagining what we lack in the making of a community, in which its viability is not compromised by the unbinding presence of that we will call a “bad revolt” – and in which “community” is not supposed to assume on overwhelming contours or triumphant sentimentalism.

Keywords: revolt; community; precarity; dream; political imagination.

¹ Mestra em ciências sociais pela Universidade Federal de São Paulo (unifesp), e historiadora pela Universidade Estadual Paulista (Unesp).

² Doutoranda no programa de pós-graduação em ciências sociais da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

“é como se tivéssemos petróleo e todos os regimes poderosos quisessem esse petróleo, e para isso precisassem nos expulsar da gestão de nossas terras. é como se fôssemos muito ricos de uma matéria-prima indefinível. e, se interessamos tanta gente, é porque devemos possuir algo cuja essência é rara e preciosa – do contrário, como explicar que todos os movimentos liberticidas demonstrem tamanho interesse por nossas identidades, nossas vidas, nossos corpos e pelo que fazemos em nossas camas?”

virginie despentes para paul preciado

“estou procurando/
estou procurando/
estou tentando entender/
o que é que tem em mim que tanto incomoda você?”

linn da quebrada

“estou procurando. estou procurando. estou tentando entender. tentando dar a alguém o que vivi e não sei a quem, mas não quero ficar com o que vivi. não sei o que fazer do que vivi, tenho medo dessa desorganização profunda. não confio no que me aconteceu.”

clarice lispector

esta é uma leitura feita à maneira das que leem histórias de vida na borra do café: emborcado o corpo cansado de guerra sobre a mesa de escrever, o que é possível vislumbrar por entre as manchas deixadas pelos sucos que escorrem da combatente? a despeito da imagem/pretensão criada/arrogada, não esperamos encontrar símbolos premonitórios por entre “tais manchas”, mas utilizar a força da alegoria para estabelecer um referencial à conversa: estas reflexões aqui ensaiadas são engendradas por corpos um pouco exauridos de sua exuberância e tenacidade, e dizemos “pouco exauridos” pois ainda nos resta algo, nossas letras e vozes a lembrar-lhes(-nos) de que somos as testemunhas de teus crimes, de tuas corrupções, de teus ressentimentos mais íntimos, de teus momentos de abandono e passividade diante do festim da carne. mas não só, há também esse algo mais, um *isso* da coisa, algo que nos interessa aqui, *borandá*.

nós/teus, certamente, apresenta aqui uma generalidade de difícil sustentação, um construto corroído desde as suas fundações por uma multiplicidade de operações sociais de diferenciação e desvelo sistemático – por meio de narrativas de denúncia – de mecanismos específicos de opressão/produção de vidas precarizadas, que fazem uns e outros atravessarem a fronteira da barra “/” aqui e acolá, a depender da localização que se assume em relação ao que se fala sobre esse nós/teus. mas, uma estrutura corroída pode demorar demais a colapsar de fato e há transcurso de vida enquanto ouvimos os demorados créques de suas rachaduras. sendo assim, “nós”, aqui, fala dessa gente que é perseguida, que tem a cabeça a preço, que desobedece para viver, que se faz maravilha em meio a esterilidade e aridez – é, acabamos por produzir aqui outras generalidades que poderiam nos conduzir a romantismos e outras *forçações de barra*, contudo, tais aberturas podem produzir espaço para que se engendrem – e houveram – *práticas de juntidade*: o estabelecimento de comunidades temporárias de resistência, avizinhamentos capazes de garantir *um salve* ali onde houver a urgência do cotidiano, ajuntamentos capazes de organizar de modo conveniente e utilitário toda uma economia de recursos necessários à garantia de dignidades e preservação de direitos conquistados, sendo a vida, e uma que seja digna, o mais fundamental destes.

expressões como “direitos conquistados”, “dignidades”, “urgência do cotidiano” podem ressoar demasiado “reformistas” de uma perspectiva clássica de “revolução” como resposta *de classe* no enfrentamento às suas condições de opressão/exploração, e neste sentido, insuficientes para uma “real” subversão de seu estado histórico de sujeição/dominação. entretanto, nas reuniões onde eram/são decididas as estratégias para emancipação do “homem”, tivemos nossos nomes riscados da lista de presença. apesar de profundamente arraigado no senso comum um sentimento de que uma grande revolução viria como um *deus ex machina* redentor de nosso sofrimento secular, tão profundamente encravada em nós está também a longínqua sensação de que tal solução seria impossível, seja por desconfiança (por parte dos comandantes dos processos de revolução, inclusive), por ausência de tempo real de trabalho revolucionário, ou ainda por medo de morrer. sobre isto, aliás, há de haver alguma perspectiva de ação política não-romântica que envolva parar de enviar nossa gente para o abate – historicamente, quais são os corpos enviados pelos dirigentes aos campos revolucionários de enfrentamento? quais são os corpos políticos escoltados nos atos de rua? fomos brutalmente esvaziados dos contingentes de mártires.

se faz importante ainda algo mais sobre essas localizações conceituais: o que tem sido feito de anos e anos de denúncias e de produção de conhecimento desobediente? nos perguntamos devido à inocuidade que parece estar a produzir todas essas inúmeras e qualificadas produções que versam sobre a superação ou avaliação crítica destes pares de conceitos como nós/eles, reforma/revolução, de tal modo que tenhamos sempre que gastar expedientes de vida na contextualização epistemológica do que se fala, um irônico e desgastante eterno-retorno sobre os pontos de partida das ações políticas que pretendem assumir uma responsabilidade sobre a garantia da vida de multidões no planeta no século vinte e um; e, ainda que não sejamos de todo modo poços de ingenuidade sobre o tamanho das tarefas a serem realizadas, se faz reiteradamente necessário que os contingentes privilegiados restantes de operadores “das mudanças” se dediquem à investigação do que tem sido produzido por “nós” em termos de conhecimento/teorização política, onde o “nós” não se justifica por ele mesmo – não reivindicamos iluminação –, mas encontra suas fundamentações nas lições aprendidas a marteladas na carne: não somos o simples negativo de suas verdades, mas de todo modo, acabamos por espelhar/encarnar, ainda que à revelia, os efeitos colaterais de suas ficções de poder, e este reflexo é irrevogável em termos do que deve ser sumariamente extirpado das visões/sonhos/materializações de um presente desempossado de suas propensões morticidas.

enquadramentos iniciais tracejados, nos resta uma última generalização: “vós”. a quem fica a posição de “outro lado da barra / ” nessa equação política? a toda essa gente que nos fode em segredo, a toda essa gente que nos caça nas ruas, que goza com nossas canções em churrascarias, que chora com nossas performances nos salões, mas que é incapaz de nos chamar pelo nome, a toda essa gente que nos contrata para formar quadros e que nos demite quando “alargamos demais” os limites das políticas de inclusão, a toda essa gente que nos olha com sede mas que nos nega um copo d’água, a toda essa gente que espera que eduquemos os contingentes todos de “desconstruídos & afins” mas que se recusa à tarefa de pesquisa, desenvolvimento e multiplicação desses saberes colhidos na carne quando estes se tornam incômodos para as verdades coloniais mais habituais e viscerais, a toda essa gente que insiste em declarar difícil nossas formulações mas que não encontram as mesmas dificuldades ao enveredarem pelos mais ermos dos sistemas filosóficos da humanidade, a toda essa gente que sente medo dos segredos que guardamos de seus momentos de entrega e confissão, a toda esse gente que declara aliança antes de

pesar o compromisso implícito de suas palavras. o *dizei-me com quem te alias, que te direi se tua luta vinga* nos servirá, assim esperamos, para poder chegar nos que queremos e permitir que se cheguem de volta, nomeados e responsabilizados, os que pretendem ao achego.

I.

ora, escrevemos tentando não habitar o ressentimento, mas sabemos que neste encontro-escrita temporário estamos compondo juntas um espaço de disposição à escuta/cuidado mútuo, e que há aqueles que maldizem tais encontros com perguntas como “quem escuta quem escuta?” ou “quem cuida de quem cuida?”. não é que tais perguntas não possam ter alguma relevância, mas utilizá-las como modo de frear disposições de entendimento e trato do que tem se podido realizar em termos de produção de pactos ou consensos locais é uma estratégia que, por fim, acaba por deslegitimar forças internas do “nós” que estão atuando em dimensões importantes dos processos sociais de transformação política, a saber, investigar as condições de estabelecimentos de alianças reparadoras e eficazes do ponto de vista do número de vidas que elas são capazes de trabalhar em prol da manutenção cotidiana, e muitas vezes, esses atos de deslegitimação acabam por colocar muito pouco no lugar.

sendo assim, este espaço que assumimos é um, tal qual o das parteiras e benzedadeiras, que numa profissão de fé, encarregam-se de suas tarefas, e desta posição nos perguntamos: quais são as consequências possíveis das más revoltas quando implicadas em processos de construção de juntidades temporárias de resistência, juntidades mais ou menos definitivas de existência?

somos aqui atravessadas pela revolta. não reivindicamos pureza, nem qualquer forma de retidão moral que nos define de antemão como aquelas que atingiram a maioria do espírito, já mencionamos. e como revoltadas, sabemos dos perigos em criar polêmicas. a polêmica, como definiram os gregos, é uma forma de produzir a guerra – *polemikós*; mas também é uma forma de cultivar a hesitação como ferramenta para interromper os consensos rápidos, a seriedade daqueles que se definem como nossos responsáveis e as inúmeras políticas de abandono dos problemas que nos interpelam. queremos habitar a experiência da pausa pro cigarro na sua máxima potência, da interrupção dos movimentos rápidos. um trago de cada vez. um pega no tempo.

porém, mesmo que não queiramos repercutir as maldizências do canto “quem escuta quem escuta?” como um canto de derrota, reafirmamos nossa disposição em encarar que tal pergunta nos coloca um problema. somos herdeiras de um esquecimento das artes de se proteger e precisamos retomar com alegria a capacidade de tecer armaduras e levantar abrigos. produzir refúgios como um lugar de aterramento, como um buraco aberto em terra fértil para nos plantarmos e virarmos arruda. enfim, ter para onde voltar.

também pedimos licença, ou melhor, liberdade para escrever com pouco manejo das convenções literárias da escrita acadêmica, mas não nos entenda iconoclastas, estamos apenas tentando tecer com alguns fios que encontramos por aí, nas andanças, nas mesas de bar, nas salas de aula, nas vernissagens. por isso, escrevemos pequenas histórias para podermos fazer uma caracterização, talvez caricatural, do problema da revolta, do problema da escuta da revolta. talvez seja um tanto clichê, mas foi nietzsche que disse: ensaios são como um banho de água fria, temos que entrar e sair deles com rapidez.

ou algo assim.

três cenas

1.

verão de dois mil e dezito. piracicaba. desembarco na cidade com a tarefa de mediar um processo de formação para educadores. encontro um amigo na rodoviária, eu chego, ele por partir. no meio tempo, vamos fumar maconha atrás da rodoviária da cidade. debaixo do sol escaldante, escondidos da polícia e dos patrulheiros morais voluntários, acendemos o cigarro atrás de um furgão. enquanto fumamos, somos observados de longe, uma moça nos vigia – ou, assim, pressupúnhamos. o sentimento de vigia, o devem saber, não é um bom sentimento, especialmente dadas as circunstâncias. pois que a brisa quase que nos era roubada, quando: “ei, tão fumando um?”. e eis que ela volta, a brisa que quase foi: “sim, estamos”. acontece que a “patrulheira” era na verdade também uma das vigiadas. e este estatuto marca o tom de nosso breve encontro. “eu sou jenifer, trabalho na rua aqui de cima, vendo calcinhas”. de começo, reclamamos do infortúnio de se ter de fumar escondidos, com medo, esse medo que se desenvolve para além do medo de sermos “pegos”: considerações sobre a instituição policial, sobre as (des)medidas de repreensibilidade para o que praticávamos, conversamos sobre como nos pega o que praticávamos, *papo de chapadas*, das interessantes. jenifer, muito sensata e companheira –

ainda que das de breves encontros – começa a localizar os corpos a serem pegos: “eu acho vocês muito corajosos, eu sempre gostei de gente como vocês”. meu amigo, gay, eu, travesti. e a conversa vai acontecendo em volta desse medo que sentíamos, mas também do achego de nossas semelhanças enquanto *vigiáveis* – jenifer nem precisou trazer à tona a cisgeneridade de sua experiência, já nos era tácito algumas coisas, agradavelmente, respeitosamente. e sobre este aspecto, jenifer qualifica um pouco a sua específica posição de vigiável. jenifer era filha de uma puta. como tal, jenifer se viu vigiada naquilo que seria seu destino manifesto: sendo filha de uma puta, deveria carregar consigo o estigma de sua mãe, uma herança capaz de fazê-la “desviar” do seu “potencial” para ser uma “boa pessoa”, uma herança capaz de reduzir seus “desvios”, “erros” ou “mau comportamento” como sendo da ordem do “mau gene” que carregava, pelo “mau exemplo” que traria de casa. jenifer manifestava essa categoria identitária, se assim podemos dizer, demasiado “invisível”, corporificava uma injúria como laço parental. chegou mesmo a mencionar que tal vigilância, talvez, tenha sido responsável pelos momentos difíceis de relacionamento com sua mãe, algo que ela, àquele momento, conseguia elaborar como tendo sido muito produzido por efeitos de “falação”, pelos “olhares” hierarquizante dirigidos a elas – deles a elas, passando da mãe a ela – pelos vigilantes, a quem ela chama de “revoltados”. jenifer, confessa que talvez esta revolta tenha a feito revoltar-se, aqui e ali, contra a mãe, indignou-se em algum momento com o sentimento subjetivamente plantado, feito flor de colônia, de refletir-se um desdobramento do ofício da mãe. uma revoltada contra o destemor, arrojo e irreverência da que a pariu, atributos estes que, diz, aprendeu a ver com “outros olhos”. sua mãe inspirava revoltas. jenifer, ali, destitui-nos a revolta de uma acepção exclusivamente revolucionária. a revolta nem sempre é revolucionária, ao menos, em seus sentidos mais “progressistas”. há uma revolta que funciona como prática de afirmação da obediência, uma revolta que deseja proteger-se contra a lembrança de diferença possível suscitada pelas prostitutas, gays, travestis, maconheiras, ... não esqueço mais jenifer, aquela que era filha de uma puta, desafortunadamente, inspiradora de revoltas.

2.

inverno de dois mil e vinte. tomo um uber, de noite, indo pra casa. o motorista visivelmente perturbado me interpela: “acabei de ver alguém morrendo”. calei – diante do absurdo da interpelação perturbadora, mas também diante da necessidade que se me

apresentou de ouvir, apenas, o desespero apresentado pelo testemunho do assassinato. ele ia agarrado ao volante, vidrado, sua rigidez muscular me apertava contra o banco traseiro: “meu, eu estava ali, na esquina da celso garcia com aquela rua ali de trás, descendo, e eu vi uma briga e eu parei o carro na hora, fiquei olhando. um ‘brasileiro’ tentava roubar um boliviano, que reagiu ao assalto e, na reação, foi surpreendido por um soco que o derrubou no chão, e eu ali, parado. eu vi ele pegando um pedaço de pau e batendo no boliviano derrubado, era um moleque, na verdade os dois, e o boliviano ali sendo espancado até a morte, e eu não consegui fazer nada, fiquei parado, não consegui acender os faróis, buzinar, jogar o carro em cima, nada, eu vi ele morrer”. eu muda, atenta, doída. “depois que o cara parou de bater no boliviano, ele saiu correndo. e eu fui embora. mas eu não consegui, tive de voltar, tá ligada?! dei a volta no quarteirão, devagar, e quando cheguei lá, de volta, já tinha juntado um grupo de outros bolivianos desesperados em torno do corpo, e eu fiquei ali vendo. uma hora a polícia chegou e eu fui lá, disse que tinha visto tudo, eu tinha de fazer alguma coisa, sugeri dar uma volta por ali pra poder ver se a gente achava o assassino, eu lembrava da cara dele. e achamos, uns quarteirões dali, junto de uns outros ‘bandidos’. eu aponte e os policiais levaram ele pra delegacia. filho da puta!³ tomara que ele seja maior de idade, tem que pegar cana um sujeito desse, por causa de uma celular, sei lá, sabe?! essas coisas me deixam revoltado! eu não sabia o que fazer! pensa na mãe desse boliviano! quem fica é quem lida! nossa, tô revoltado! tem que morrer, tem que matar uma praga dessas, depois vem o pessoal dos direitos humanos passar a mão na cabeça, ainda! a vontade que dá na gente é de acabar com essa raça!”.

ele falou que queria uma arma em uma hora dessas.

3.

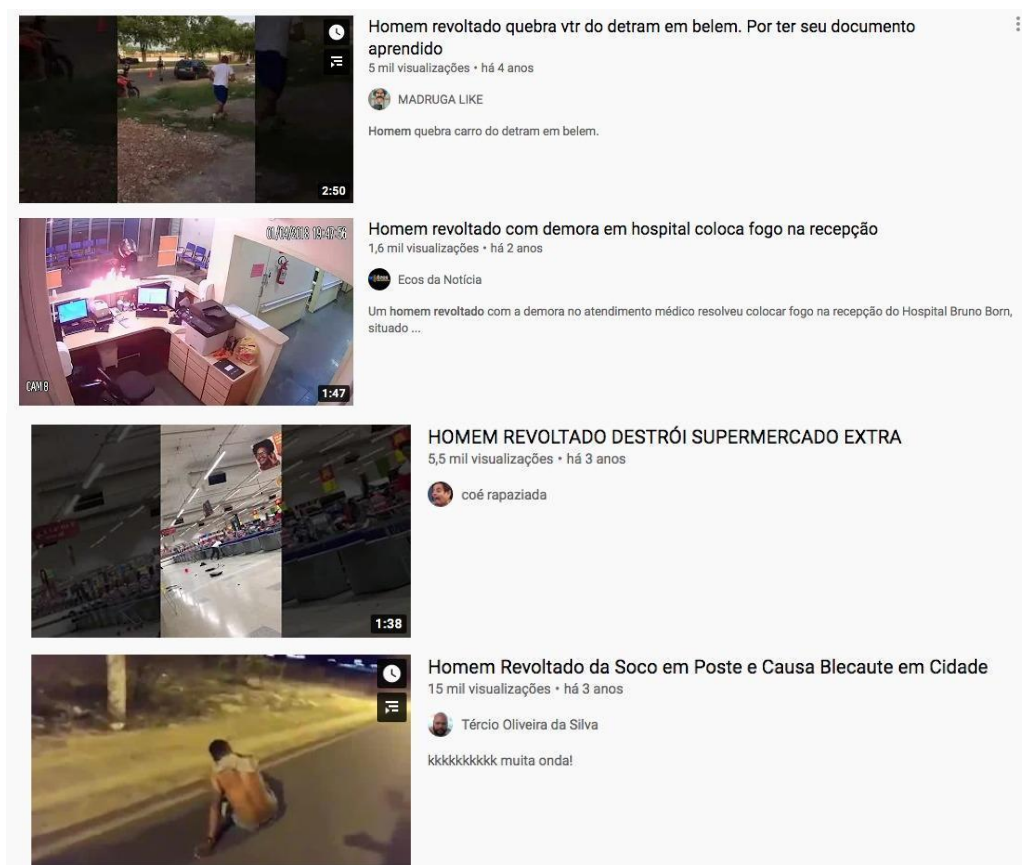
primavera de dois mil e dezesse. ele chegou como quem não queria nada, mas já estava esperta, conhecia muitos desses tipos que chegam manhosos, pois isso sempre acontece. um começo trivial. talvez algum comentário sobre meu batom vermelho ou a sombra extravagante nos olhos ou o vestido branco que carregava no corpo. depois sua jornada de superação: “é porque eu era um cara muito escroto”, mas alguém na sua trajetória havia lhe ensinado a se desconstruir. pode ter sido uma namorada que era feminista e abriu seus olhos para seus comportamentos machistas. ou, então, uma amiga bixa que ensinou que a

³ ah, jenifer...

masculinidade pode ser tóxica. mas fiquemos aqui com o fato dele ter tido uma filha e estar preocupado com a misoginia que ela poderá enfrentar. afinal, ele, como representante dos seus, sabe o que os seus são capazes. mas logo a história tem uma guinada e a conversa passa a ser assaltada pela figura do pai – “meu pai era um cara bruto, bem machista mesmo, ele nunca bateu na minha mãe, mas ele não tratava ela bem”. e esse pai se torna o adversário ali naquela batalha de fazer de si um novo homem. e ele diz com peito estufado, voz ainda grave mas suave, talvez uma lágrima que ele não deixa escorrer tremula espremida no canto de um olho – “eu sou um homem desconstruído, meu pai jamais conversaria, assim de boa, com alguém como você; na verdade, se meu pai me visse aqui conversando contigo ficaria revoltado, mas eu não, eu sou um cara diferente”. ali, como quem não queria nada, ele queria que eu virasse um instrumento de sua revolta contra um pai que ele não queria ser ou então que eu atestasse a sua vitória nesse embate.

4.

na internet não há estações do ano, dois mil e vinte um.



II.

acompanhe conosco a seguinte caracterização:

capitão davidson, “o domesticador de mundos” da novela *floresta é o nome do mundo*, de ursula k. le guin (2020), é “um homem grande, de músculos sólidos, que gostava de usar seu corpo bem treinado”. don davidson, como um bom capitão conquistador, não conhece a derrota, quando muito, pequenos desvios pelas vias que, inevitavelmente, hão de rumar para o triunfo – acredita que “(...) é preciso estar no jogo do lado que está vencendo, do contrário você perde”. *perder* é o inimaginável, é o ponto de interrupção do pensamento, como um pensamento de morte, não há o depois, há somente um corte, um engasgo. capitão davidson é um Homem que quando diz Terra quer dizer homens.

para davidson a lei é um princípio, uma diretriz: que não se coloque em seu caminho ou no caminho de seus homens; o lícito e o ilícito, o entretenimento e o estupro, a vida e sua ausência são limites que são estabelecidos *após* a sua passagem – ainda que sejam anteriores –, um homem que enxerga os pactos com “vistas grossas”, sendo que fazer/ter vistas grossas é identificar algo (talvez algo do rol das coisas que são importantes de serem observadas, importantes porque fazem sentido para toda uma ecologia social anterior ao contato com este) no campo de visão e passar por ele. davidson passa, passa porque abre as paisagens que se interpõem entre ele e os objetos de seu desejo.

o pragmatismo, o realismo que davidson julga dispor, em seus modos de pensamento, são os que podem ser iconografados nas seguintes imagens, que se sobrepõem desconectadas, em substituição dura: a) a visão ansiosamente erótica de carregamentos de mulheres a serem transportados para “suportarem essa vida infernal”, essa dele e de seus homens na domesticação dos mundos, pela b) imagem do erro de sua atuação devastadora em outros mundos insatisfatoriamente domesticados – melhor posto: destruídos –, erro incorrido pelo descaso em relação a técnica e o conhecimento praticado por aqueles que ele chama de “efeminados”, esses intelectuais que não fazem parte de sua comunidade de masculinidade e, que se se preocupam tanto com “conhecimento” há de ser por ressentir a virilidade dos homens como ele, lhes restando essa tarefa de homens menores, o que leva de volta a imagem a): diante dos limites analíticos de suas faculdades fundadas em vencer, onde não há espaço para o reconhecimento ou a avaliação do erro, voltam a ondular e sorrir os carregamentos de mulheres.

a máquina de domesticar de davidson conhece apenas duas funções: aniquilar ou assimilar – talvez apenas uma, a de aniquilar o que não for assimilável. e é este o modo de operar relacionalidades com os outros viventes dos mundos por onde ele *passa*: as criaturas que puderem ser submetidas ao trabalho forçado o serão, por um trato duro, do começo ao fim, caso contrário, terão seus rostos surrados até virarem “geleia de amora” – o que, é claro, deve ser evitado, lhe basta apenas ser “durão”.

sendo um homem “sozinho, altivo, bonito, com expressão calma e bastante severa em seu rosto esbelto e rude”, os pilares fundantes de sua performatividade são a beleza, a confiança e a rijeza, atributos que, combinados com uma alta posição hierárquica – “(...) eu gosto de colocar as coisas em perspectiva, de cima pra baixo, e em cima, até o momento, estão os humanos” –, apoiam a sua conduta inclemente e atroz, ainda que não fosse por isso um homem prepotente, o conhecimento de sua própria magnitude o satisfaz: “por acaso, fora feito assim. sabia o que queria e como consegui-lo. e sempre conseguia”. apenas algo lhe marejava os olhos: sua pátria, seus homens, o mito da terra que embasa sua narrativa heroica:

por isso, diante da visão da nave que vinha de sua terra natal, lágrimas brotaram levemente nos olhos de davidson. ele não tinha vergonha daquilo. era um homem patriota, simplesmente era o seu jeito de ser. (le guin, 2020, p. 21)

apesar de ser esse homem de “passadas largas”, a tacanhice de suas viris faculdades de pensar é composta de uma furtiva inabilidade que é, justamente, o ponto de detonação das bases de sua ostensiva performatividade, a saber, *a inabilidade ao sonho*, a dar o passo que vai para depois do momento de interrupção de seu pensamento, para depois de seu engasgo existencial. seu delírio de invulnerabilidade não comporta a imaginação do “revide”: a pressuposição de passividade em relação aos submetidos, a certeza da efetividade de suas práticas de domesticação de mundos – ele não reconhece os erros, é incapaz de avalia-los –, a confiança ativa, de quem olha desde cima, na impossibilidade de resistência o surpreende, o revide o conduz a uma expressão de “loucura”: “aquilo tudo era loucura e, obviamente mentira”/ “(...) aquilo tudo não significava nada, era um sonho ruim e louco, um pesadelo”/ “(...) os creechies não poderiam ter feito aquilo. creechies não lutavam, não matavam, não faziam guerras. não tinham agressividade interespecífica, ou seja, eram presas fáceis. não revidavam”/ “ele não tinha sonhado com nada daquilo”. e, no entanto, os

creechies incendiaram a base do território de “smith” e massacraram duzentos homens em um só ataque.

então, davidson viu a reveladora tensão na postura da criatura, que, ainda assim, saltou sobre ele tão ágil e inclinada que o fez errar o tiro, queimando um braço ou ombro em vez de bater bem entre os olhos. e o creechie estava sobre ele, tinha metade de seu tamanho e peso, mas o fez perder o equilíbrio com a investida, porque ele, confiando na arma, *não esperava um ataque*. os braços daquela criatura eram magros, fortes, cobertos de pelos grossos e, enquanto davidson os agarrou e lutou, *a criatura cantava*. (le guin, 2020, p. 26, *grifo nosso*).

não à toa evitamos mencionar os creechies⁴ em meio a galante caracterização deste homem que não imagina. os creechies são “(...) as criaturas mais próximas que se desenvolveram da linhagem do macaco”, são a contraparte submetida pelo domesticador de mundos, a que é destinada a servir os que vêm fixar novos ordenamentos hierárquicos,

⁴ desçamos um pouco ao nível rodapé da página, há algumas considerações sobre os creechie – os creechies são uma forma de humanos, diferentes dos humanos terranos, mas de ancestralidade comum, ainda que de difícil genealogia, há toda uma mítica envolvida em tais investigações de origem, para mais: cf. le guin, 2020, rs – que gostaríamos de estabelecer aproximações, e nos parece conveniente experimentar as hierarquias da página para explorar esses avizinhamentos. sempre observados com uma distância de dignidade por parte da quase totalidade dos yumanos da novela, os creechies encarnam uma posição conceitual-literária que nos interessa aqui: as revoltas re-encenadas na seção anterior condicionam uma sombra de davidson, seja jenifer vigiada por seus olhares altivos e rudes, seja a mãe de jenifer no entretenimento dos davidsons, entretenimento pago com estigma e precarização a ela e aos seus, seja no passo que o motorista de uber não deu – entendemos, a questão não é o passo em direção ao martírio dos que se jogam na frente das balas que levamos, mas seu passo era em direção a uma juntidade somente possível com os agentes de morte do estado, em nome da morte, em nome da justiça praticada pelos que empunham (ou desejam empunhar) armas de fogo cheias de salvo-condutos, o motorista, por fim, toma um desvio em relação à juntidade de vida possível de ser construída ali na hora, para além do martírio. por que não ofereceu seus bancos de couro ao corpo ensanguentado e aos que o guardavam? por exemplo, apenas por exemplo. tivesse ele amparado o pranto dos imigrantes diante do conterrâneo assassinado, tivesse ele não respondido com esta sede hollywoodiana de perseguição policial. ainda: percebam, a questão não é culpabilizar o motorista pelo passo não dado, nem por esperar da polícia que cumpra sua promessa romântica e perversa de salvação e segurança, mas o de performar a fantasia do justiceiro que caça, julga, sonha a pistola como superpoder, e pelo espanto com a própria vulnerabilidade ser acolhido por um desejo de aniquilação de raças. desde esta nota creechie de rodapé, e dizemos creechie não por naturalizar a hierarquia, mas por encontrar aqui, neste miúdo, nesta vaga, uma lacuna para imaginar. imaginar questões capazes de alumiar o que nos aproxima de jenifer e o que nos afasta do motorista de uber, a ponto de lembrar o nome de uma e esquecer o de outro, em tempo de poder viver junto de jenifer um encontro fugidio e especial, e de viver com o outro o desespero de não poder, desde o banco de trás, construir com o motorista uma relação vinculante, pois o luto do injustiçado cederá espaço a multiplicação de uma violência que não era da ordem de uma redistribuição, mas de reforço daquela que, talvez e provavelmente, tenha sido a que foi utilizada na produção daquele mesmo assassinato. jenifer se avizinhou de uma realidade que ela foi capaz de sonhar, o motorista não sonha a desigualdade social, sonha sonhos de pistolas e carros em alta velocidade. *revolta* aparece, então e a partir das cenas, como significante capaz de expressar desejo de correção moral (me lembro da revolta das mães de bragança, no norte de portugal, que em 2003 exigiu a expulsão de putas brasileiras dos prostíbulos da região, sob a alegação de que elas estariam enlouquecendo e enfeitando seus homens) e de práticas autoritárias de justiça. talvez ainda, por fim, com jenifer a juntidade foi possível de ser estabelecida pois ela digeriu e acolheu a própria *má revolta*.

a que tem seus nomes e nomeações substituídos – os que veem kelme deva passar a chamar-se “território de smith” –, a contraparte que perde suas mulheres para o estupro, “os bostinhas”, “lerdos”, “desleais”, “como algum tipo de besouro em que você precisa continuar pisando porque ele não sabe que já foi esmagado”:

– eu era selver thele quando morava em eshreth, em sornol. minha cidade foi destruída pelos yumanos quando eles cortaram as árvores daquela região. fui um dos que foram obrigados a servi-los, junto com minha esposa, thele. ela foi estuprada por um deles e morreu. ataquei o yumano que a matou. ele poderia ter me matado naquele momento, mas um deles me salvou e me libertou. saí de sornol, onde agora nenhuma cidade está a salvo dos yumanos, e vim pra cá, para a ilha do norte, e morei na costa de kelme deva, nos bosques vermelhos. logo os yumanos chegaram e começaram a derrubar o mundo. eles destruíram uma cidade, penle. capturaram cem homens e mulheres e os obrigaram a servi-los e a viver em um curral. não fui capturado. morava com outras pessoas que fugiram de penle, no pântano ao norte de kelme deva. às vezes, a noite, eu ia até as pessoas nos currais do yumanos. eles me disseram que aquele lá estava ali. aquele que eu tentara matar. primeiro, pensei em tentar de novo; ou então libertar as pessoas do curral. mas eu via as árvores caindo o tempo todo e via o mundo lacerado e abandonado para apodrecer. os homens poderiam ter escapado, mas as mulheres ficavam trancadas de forma mais segura e não conseguiriam, e estavam começando a morrer. falei com as pessoas escondidas nos pântanos. estávamos todos muito amedrontados e muito bravos, e não havia como liberar nosso medo e raiva. então, depois de muito tempo de conversa, e de sonhar por muito tempo, e de fazer um plano, saímos à luz do dia e matamos os yumanos de kelme deva com flechas e lanças de caça e queimamos a cidade deles e suas máquinas. não deixamos nada. mas aquele lá tinha ido embora. ele voltou sozinho. eu cantei por cima dele e o deixei partir. (le guin, 2020, p. 35-6)

abrimos espaço para que a história se contasse, por si, de uma perspectiva creechie, sobre o que se pode ser realizado desde os pântanos, desde o sonho. é notável, sobre isto do “sonho” pontuar que, para davidson, e os outros yumanos, os creechies não dormiam, olhavam para o nada, vagueavam. e é neste momento que são forjadas as condições de derrocada do invencível. para um creechie, o sonho é mais que a distinção minguada entre o “real” e o “irreal”: seus sonhos antecipam eventos, materializam desejos, harmonizam a vida em vigília, os ensina. é no sonho, e em sua argúcia de tradução, que os creechies aprendem, inclusive a revidar.

sem furtar-lhes o prazer da leitura com antecipações estraga-prazeres, gostaríamos de contar apenas como é que davidson reage após ter sido domado e ter de olhar, de baixo para cima, para um creechie que canta por sobre seu corpo rendido: ele incendeia kelme deva:

no fim de tarde dourado e esfumaçado, ele correu. (...) ele não tinha sonhado nada daquilo. e eles não podiam simplesmente desaparecer. estavam lá, escondidos. davidson abriu fogo com a metralhadora do nariz do gafanhoto [sua aeronave] e fez uma varredura no solo carbonizado, atirou nas brechas entre a vegetação da floresta, alvejou os ossos incandescentes e os corpos frios de seus homens, o maquinário destruído e os tocos brancos em putrefação, retornando várias vezes até a munição acabar e os espasmos da arma cessarem bruscamente. as mãos de davidson agora estavam firmes, seu corpo parecia apaziguado, e ele sabia que não estava preso em nenhum sonho. (le guin, 2020, p. 28)

para se livrar do aprisionamento provocado pelo sonho feito instrumento de surpresa/revide, uma revolta é desencadeada no “invulnerável”, ele incendeia o incendiado, derruba mundos para encontrar seres insurgentes cuja existência se garantiu justamente em encontrar gretas e pântanos para poderem sonhar a possibilidade de cantar por sobre seu algoz, isto é, davidson – o podemos dizer, agora – é apenas devastador, pouco astuto.

esta é uma arquetipização do homem mal revoltado, e você o conhece.

III.

falamos da revolta para pensarmos sobre a *inabilidade ao sonho* que acomete a davidsons. não queremos fazer um discurso contra a revolta ou os revoltosos, mas sim qualificar o que seria a má revolta, o tipo de revoltar-se que não busca a vinculação, o avizinhamento, a construção de vilas ou de comunidades temporárias de existência. a má revolta que caracterizamos neste ensaio é, por natureza, desvinculante, isto é o mesmo que dizer que ela é uma forma de revolta que, em seu sentido primário, aponta para a incapacidade e falta de desejo do sujeito revoltado em fazer juntidade, em se implicar no problema, em assumir o risco da presença radical. cabe-nos perguntar, portanto, o que assombra o sujeito revoltado diante de uma situação que pode demandar de si *tomar parte?* o que o impede de sonhar?

ora, a questão de ser parte numa parte, de se fazer em conjunto, não se resume a uma fácil contraposição entre boas e más revoltas. não somos inocentes, já dissemos, e voltamos a dizer. sabemos que a feitura da juntidade requer mais ingredientes, o que estamos abordando neste ensaio, o fazemos a partir de uma certa posicionalidade, uma certa apreensão do estado de coisas, uma creechianidade ficcionalizada na carne, um certo jeito de termos sido ajeitadas como sujeitinhas que escutam, sujeitinhas que foram tomadas como orelha para desabafo. e, novamente, não queremos recusar tal posicionalidade:

escutamos, sim; mas agora falaremos com nossas línguas de fogo e de serpente, como nos ensina gloria anzaldúa.

acreditamos, pois não há de ser de outro modo, mas também porque demos de ler judith butler, que a vida é precária. ontologicamente precária. “a vida de alguém está sempre, de alguma forma, nas mãos do outro” (2018, p. 31). precariedade é a consequência de uma vida implicada, de uma vida que se acredita parte de outras partes, de uma vida que sabe que o que a nutre também lhe põe em risco. a revolta é filha parida de partenogênese coletiva da condição de precariedade, e como filha da precariedade ela herda a angústia de ter que se haver com a duplicidade do jogo nutrir-se/arriscar-se, fazer-se fazendo-se-com-outros. por isso podemos falar de uma má revolta e de uma boa revolta. a má revolta é a recusa de tomar parte numa parte se reconhecendo como parte em risco. a má revolta é uma das muitas tecnologias de desvinculação da presença, que é, ela própria, presença da precariedade que é a vida.

voltemos, a efeito de singela ilustração, para a primavera de dois mil e dezessete, quando, então, ele nos dizia da sua revolta com o pai e nos procurava para certificar sua boa qualidade de homem revoltado (também conhecido como homem desconstruído). entendíamos o que ele dizia e sabíamos que ali encontramos uma má revolta. revoltar-se do pai não é a questão – que nos revoltamos de nossos papais e mães! – a questão é o gesto de desvinculação que ali se criava. o sujeito que não era como o pai, era também o sujeito que havia mudado, o sujeito que havia deixado no seu passado aquilo tudo que o pai representava – “alguém que não conversaria com alguém como você”. e ao tornar passado o problema do pai, que é um problema que afeta gente como a gente, o revoltado se desvinculava do nosso presente – “eu já mudei, eu fiz minha parte, não é mesmo?” –, o problema não é mais dele. ele não faz mais parte.

poderíamos ainda avançar pelas outras estações do ano, lembrar dos enfrentamentos de jenifer com davidsons, o desejo de ser davidson de um motorista de uber. poderíamos ainda, sabemos, não é preciso nos lembrar, falar daqueles momentos em que nós mesmas incorporamos a inabilidade ao sonho, em que diante do problema tivemos que optar pela má revolta, pelo revolta desvinculante, como modo de permanecer (vivas?). quando contrapomos as más e as boas revoltas não reivindicamos pureza, a pureza é fantasia dos maus revoltosos – dos que não conseguem lidar com o trauma de reconhecer que o seio mau é também o seio bom – queremos a mistura, a boa revolta requer uma sabedoria de

alquimista, tipo receita de vó, pede um punhado aqui, uma pitada ali. nossa receita, é também um convite, para escutar conosco essas histórias, e escutá-las com a generosidade necessária de não fazer delas histórias de vilões ou heróis. é história de gente, da gente. é história de ensinança, tipo simpatia de fazer em lua crescente para poder cultivar as boas revoltas e começar a aprender a se desvencilhar das revoltas que nos desvinculam. que nos desajuntam. que nos impedem de sonhar em juntidades.

qual é o *isso* dessa coisa que nos parece escapar?

Roteiro de leituras ou o que se chama de bibliografia

ANZALDÚA, Gloria. Como domar uma língua selvagem. *Cadernos de Letras da UFF*, 39, 2009.

BROWN, Wendy. “Nenhum futuro para homens brancos: niilismo, fatalismo e ressentimento”. In: *Nas ruínas do neoliberalismo*. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra*. Quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CAMPOS LEAL, abigail. A pandemia, o espelho de merda y o fim do mundo. *GLAC edições*, 2020.

DAS, Veena. *Vida e palavras*. A violência e sua descida ao ordinário. São Paulo: Editora Unifesp, 2020.

DESPENTES, Virginie. *Teoria King Kong*. São Paulo: n-1 edições, 2016.

FOUCAULT, Michel. *O enigma da revolta*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRISTEVA, Julia. *Sentido e contra-senso da revolta*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2000.

LE GUIN, Ursula K. *Floresta é o nome do mundo*. São Paulo: Editora Morro Branco, 2020.

LE GUIN, Ursula K. *Floresta é o nome do mundo*. São Paulo: Editora Morro Branco, 2020.

LORDE, Audre. “Os usos da raiva: mulheres negras reagem ao racismo”. In: *Irmã outsider*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MOMBAÇA, Jota. *Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência*. Oficina de Imaginação Política, 2016.

MORAES DE SOUZA, Alana. “No avesso do político: experimentações de uma vida baldia”. In: MEDEIROS, Claudio; GALDINO, Victor. *Experimentos de filosofia pós-colonial*. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2020.

PEREIRA, Bru. *A comunidade das sobreviventes contra a sobrevivência dos heróis*. São Paulo: n-1 edições, 2020. (Coleção Pandemia Crítica)

PRECIADO, Paul. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. *Revista de Estudos Feministas*, 19(1), 2011.

PROFANA, Ventura. Profecía de vida.
PISEAGRAMA, n. 14, 2020.

SEGATO, Rita Laura. *Contra-pedagogías de la
crueldad*. Buenos Aires: Prometeo Libros,
2018.